

humanitas

Vol. XXXI-XXXII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXXI-XXXII



COIMBRA

MCMLXXIX-MCMLXXX

GRAMATOLOGIA GREGA: DOIS TEMAS DA HISTÓRIA DA LINGUÍSTICA

Julgamos, antes de mais, dever notar ou reconsiderar um dos termos do título e, ao fazê-lo, propomo-nos simplesmente evitar qualquer vaguidade ou indefinição semântica, do que resultaria prejuízo para quem lê e prejuízo para o rigor da designação, que desejamos clara e precisa, da matéria sob estudo (1).

Assim, este nome *gramatologia* — um dos, por vezes estranhos, neologismos com que se vem enriquecendo a terminologia técnica da Linguística — carece, ele já, de ser situado. *Gramatologia*, aqui, nada tem a ver com a acepção que Derrida (2) lhe instilou para, com ela, referir uma certa conjuntura cultural tipificada (e condicionada, por sua vez) pela «escrita», pela escrita que se dissimula na sua própria história, ao serviço da linguagem que é, já por si, «*déguisement d'une écriture première*» (3); pelo «grafismo», pelo «signifiant du signifiant»,

(1) O que ora se publica sob este título é, fundamentalmente, a conferência que, por honroso convite da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, proferi, a 27 de Fevereiro do ano corrente de 1980, na Faculdade de Letras de Coimbra. Ao texto primitivo, elaborado e escrito para ouvintes, algumas modificações houve mister introduzir, alterações naturalmente necessárias uma vez que ele se destina agora a leitores. A primeira alteração concerne à formulação do título da palestra (*Gramatologia Grega: um capítulo na História da Linguística*). Aquele que passou a encimar estas linhas exprime melhor, quanto a nós, o conteúdo delas, facto que o leitor certamente corroborará.

(2) DERRIDA, J. (1967) — *De la grammatologie*. Paris. Ed. Minuit.

(3) Ibid. (pág. 10). «... la science de l'écriture — la *grammatologie*» (pág. 13); «on disait «langage» pour action, mouvement, pensée, réflexion, conscience, inconscient, expérience, affectivité, etc. On tend maintenant à dire «écriture» pour tout cela et pour autre chose; pour désigner non seulement les gestes physiques de l'inscription littérale, pictographique ou idéographique, mais aussi la totalité de ce qui la rend possible; puis aussi, au-delà de la face signifiante, la face signifiée elle-même; par là tout ce qui peut donner lieu à une inscription en général, qu'elle soit ou non

pelo «gramatismo». Longe disto, o nome designa, neste caso, uma certa entidade concreta, ou seja, a gramática grega como saber que se foi organizando e se objectivou, a metalinguagem sistematizada da língua grega. Porém, esta metalinguagem sistematizada, ainda da língua grega, mas sem ulterior demarcação de área, poderia ser, simplesmente, ciência da linguagem ou linguística grega, em toda a amplitude do conceito: a verdade, porém, é que nem tanto se inclui no título. Queremos apenas significar a ciência da Gramática e a Gramática como ciência, tal como o terão sido uma e outra, assim especuladas, experienciadas e realizadas entre os gregos, evitando nós — convém que acrescentemos — abordar (porque fora do nosso intuito) ponto ou tema que venha a tanger com a Filosofia da Linguagem. Para além, ainda, desta restrição temática, julgamos que outra se impõe, esta agora de natureza temporal: é que o primeiro termo do título — *Gramatologia Grega* — abrindo-se, como se abre, ao segundo, não pretende traduzir um primeiro momento de um qualquer plano para uma *História da Gramática: Período Grego*. Teremos de nos limitar no tempo e, pelos motivos que se hão-de verificar, não nos moveremos senão no espaço contido entre os sécs. II a.C. e V d.C..

Contemplados, assim, os limites temático e cultural (e temporal) que o título proposto suscita, julgamos dever ainda enunciar tuas notas prévias e breves: concernem elas à historiografia da Linguística a qual, de alguns anos a esta parte, vem patenteando, de modo assinalável, estudos muitos dos quais de valor inquestionável. Ainda que a historiografia da Linguística possua raízes antigas e profundas no solo cultural europeu — desde um Thurot, um Classen, um Lersh, um Schmidt, um Lehrs, um Steinthal, um Séguier, um Schömann e tantos outros até chegarmos, por ex., a um Arens ou um Pinborg — a verdade é que a publicação, em 1966, da *Cartesian Linguistics. A Chapter in the History of Rationalist Thought*, quer pelas críticas de que foi alvo, quer pelas defesas que a cercaram, proporcionou e está a proporcionar um interessante movimento de investigação histórica (4). Porém,

littérale et même si ce qu'elle distribue dans l'espace est étranger à l'ordre de la voix: cinématographie, choréographie, certes, mais aussi «écriture» picturale, musicale, sculpturale, etc.» (pág. 16).

(4) SIMONE, Raffaele, «Théorie et Histoire de la Linguistique» in *Historiographia Linguistica* II, 3 (1975) 353-378, defende a tese, que não aceitamos, segundo a qual «l'abondance actuelle d'études historiques paraît marquer la fin d'une tra-

o contributo final parece estar a ser menos positivo do que se desejaria. Esta moderna historiografia não é assim uniforme na qualidade do fruto e alguma parte da causa que o explica talvez resida no ambiente polemista em que se vem produzindo. Não admira pois que nela se cruzem e contradigam as mais diversas tendências ou, até, e infelizmente, os mais diversos intuitos. De qualquer modo — e antes de mais — há que distinguir na já vasta floresta de títulos no domínio

dition de recherche, que l'on peut taxer d'aspecificque, dans laquelle l'histoire de la linguistique n'est qu'un avatar secondaire de quelque chose d'autre: de la philosophie, de la grammaire, de la littérature. Un exemple insigne de cette tendance est la grande *Geschichte* de Steinthal (1890) où la linguistique est fille en même temps de la logique et de la grammaire. (...) au contraire, l'attitude qui prévaut aujourd'hui reconnaît à l'histoire de la linguistique sa dignité propre et poursuit les aspects linguistiques mêmes dans les traditions qui ne sont pas spécifiquement linguistiques (p. ex. Chomsky 1966; Pinborg 1967; Formigar 1970)» (354). Com efeito não se vê em que é que, de Pinborg, não só o *Die Entwicklung der Sprachtheorie im Mittelalter* (1967), como ainda «Das Sprachdenken der Stoa und Augustins Dialektik» (*Classica et Medievalia*, XXIII (1962) 147-177) ou «Classical Antiquity: Greece» (in *Current Trends in Linguistics*, vol. 13, 69-112, Mouton, 1975) possam referenciar a «inespecificidade» linguística da *Geschichte der Sprachwissenschaft bei den Griechen und Römern*, de Steinthal (cujo subtítulo «mit besonderer Rücksicht auf die Logik» pode ter conduzido Simone a um pequeno lapso), ou de qualquer dos títulos sob que se escreveram os momentos mais altos da linguística do Século XIX ou anteriores. Assim, sem se abandonar o estrito âmbito linguístico, nem a consciência quer das relações com o passado quer de que a história pertence ao mesmo domínio do corpo teórico, poderíamos enunciar uma interessante lista de autores e obras começando por Petrus Mosellanus, *Oratio de Variarum Linguarum Cognitione Paranda*, Lipsia, 1518, passando por F. Thurot, «Discours Preliminaire», prefácio à sua tradução do *Hermes* de J. Harris, Paris, 1796; J. Classen, *De Grammaticae Graecae Primordiis*, Bona, 1829; M. Séguier, *La Philosophie du Langage exposée d'après Aristote*, Paris, 1838; L. Lersch, *Die Sprachphilosophie der Alten*, Bona, 1838-1841; R. Schmidt, *Stoicorum Grammatica*, Halle, 1839; A. Gräfenhan, *Geschichte der Klassischen Philologie im Altertum*, Bona, 1843-1850; K. Lehrs, *Herodiani Scripta Tria Emendatiora*, Königsberg, 1848; E. Egger, *Appolonijs Dyscole. Essai sur l'histoire des théories grammaticales dans l'antiquité*. Paris, 1854; F. Hoffman, *Über die Entwicklung des Begriffs der Grammatik bei den Alten*, Königsberg, 1891; L. Jeep, *Zur Geschichte der Lehre von den Redeteilen*, Lipsia, 1893, etc. Um volume de títulos numericamente expresso não possui necessariamente significado, mas, assim mesmo, conviria percorrer os catálogos existentes sobre historiografia linguística dos Sécs. XIX e XVII. A propósito desta última centúria, v. Joly, A. e Stéfani, J., *La Grammaire Générale. Des Modistes aux Idéologues*. Publ. de l'Univ. de Lille III, 1977. As obras do séc. XIX têm como característica comum o serem de vulto, com o que não desejamos esquecer Arens, Adontz, Ivic e Robins, por ex.

da Historiografia da Linguística (em artigos, ensaios, recensões, obras de fundo — mesmo nestas últimas!) duas tendências bem demarcadas.

É comum encontrar autores — por vezes com responsabilidade científica já firmada — que se não dispensam de compor sua linha de enlevo pela circunstância de julgarem haver *descoberto* que o pensamento do linguista X está já prenunciado em texto anterior de alguns séculos (5); daí que a suposta identificação inspire uma sistemática arqueologia cujo objecto material será a busca, a imperativa descoberta dos «sinais proféticos» que emprestem comprovação histórica à chegada do Mesias, que, quase sempre, se chama Noam Chomsky. Assim, quando se estuda a *Grammaire Générale et Raisonnée*; assim, a *Minerva* de Francisco Sanchez, o Brocense; assim, a *Grammatica Speculativa* de Thomas de Erfurt. Em todo o lugar e ponto, o gerativismo transformacionista em estado fetal (6). Trata-se de uma historiografia pelo menos discutível

(5) Contrariando, por as considerar injustas, as palavras de Hyemslev (*in Actes du XI Congrès International des Linguistes*, Paris, 1949, pág. 475) e segundo as quais «... la linguistique traditionnelle n'est pas une théorie sur laquelle on a bâti une pratique. Au contraire, la linguistique traditionnelle est une pratique et rien de plus, une simple pratique qu'on a voulu justifier après coup par divers essais théoriques en partie très rudimentaires» — Feliciano Delgado assume uma posição perfeitamente equilibrada através duma judiciosa (ainda que sucinta) análise: «la aportación a la teoría lingüística de la antegüedad clásica ha sido olvidada por la enorme eclosión de la gramática histórica, que casi exclusivamente fue fonética histórica. Pero, quando en la actualidad se establecen teorías sobre las descripciones sincrónicas, se sigue olvidando la existencia de unas viejas teorías que pueden dar doble luz sobre problemas actuales: Una luz directa sobre problemas que los griegos y romanos llevan a una perfección de planteamiento; una luz indirecta: equivocaciones e falsas afirmaciones de nuestras gramáticas nacen de falsos planteamientos de esa antigua tradición. (...) La gramática occidental ha tenido una larga tradición totalmente encadenada. La unidad que Curtius senaló para la literatura es cierta en mayor medida para el hecho gramatical». (Fernando Delgado, «Gramática Clásica, Gramática Española, Historia de la Lingüística» *in Revista Española de Lingüística*, VII, 2 (1977) 81-96, cit. pág. 84).

(6) Que nos Sofistas, em Aristóteles e nos Estóicos encontramos conceitos e termos aceites e correntes no domínio da Linguística não causará a mínima estranheza em quem tenha relação consciente com os valores culturais europeus ou neles viva. Facto que Fernando Delgado com toda a felicidade designa por «tradición encadenada» (v. n. ant.). Mas é cientificamente pouco rigoroso (pelo menos) identificar o gerativismo transformacional com as páginas de Tomás de Erfurt (Kelly, L. G. — «*De modis generandi*: Points of contact between Noam Chomsky and Thomas of Erfurt» *in Folia Linguistica* 5:3/4 (1972) 225-252); ou que o linguista do M.I.T. terá feito assentar toda a sua teoria em «philosophical doctrines that were generally

dada a ausência de condições científicas, que *«néglige complètement tout ce qui détermine les thèses qu'(elle) veut mettre en lumière et accepte ces thèses en ignorant les procédés cognitifs qui les ont rendue possibles»*. A estas palavras de Raffaella Simone, outras imediatamente se seguem, exprimindo um juízo lapidar: *«Ceci suggère encore une autre considération (...) à savoir, l'inutilité totale, tant pour l'histoire que pour la théorie, de cette chasse aux précurseurs qui paraît au contraire un des caractères extérieurs les plus fréquents de la floraison actuelle de recherches d'histoire de la linguistique»*.

Bem ao invés desta tendência de reconstrução arqueológica e deste ânimo profetista — que falha ainda no que tem de prática de acúmulo desordenado e ininteligível de dados —, outra deverá, segundo o mesmo autor, inspirar e orientar este tipo de investigação: a historiografia da Linguística (como a de qualquer ciência) *«ne vise pas seulement à dresser la liste des modèles qui ont été proposés au cours de l'histoire pour une matière donnée, mais aussi à identifier les procédés qui on rendu possibles ces modèles de la matière considérée, plutôt que des modèles différents»*.

held by medieval logicians and grammarians» (TRENTMAN, J.A. «Speculative Grammar and Transformational Grammar: a Comparison of Philosophical Presuppositions» in PARRET, H. — *History of Linguistic Thought and Contemporary Linguistics*. De Gruyter. Berlin, 1976, págs. 279-301). Perante a importância que o volume pretende ter como um «readings» atualizado, quem poderá deixar passar em claro as palavras que se lêem na Introdução da obra acabada de citar e editada por Parret: «We do not take an a priori stand in the debate built around Noam Chomsky's Cartesian Linguistics and the interpretation of generative linguistics (*sic*) give to some periods and trends of the history of linguistic thought. We believe that this reference to conception of the past as prefigurations of contemporary epistemologies and linguistic theories at least has the advantage of having considerably instigated the interest for the history of linguistic thought»? (pág. V) — Enfim, e para encerrar esta brevíssima amostragem de falta de equilíbrio, digamos, epistemológico, lembramos o artigo «A Note on the Linguist Theory of M. Terentius Varro» in *Foundations of Language*, II, (1966) 33-36. É seu autor D. Terence Langendoen, um dos mais proeminentes linguistas norte-americanos, que, neste breve estudo, tenta determinar «what level on the Classical Greek hierarchy of intellectual achievement could the study of Language attain». Todavia, ao aproximar-se da temática anomalia/analogia e da *deriuatio uoluntaria/deriuatio naturalis*, assim traduz passagens de *De Lingua Latina*, IX, 33 e 34: «... those who say that there is no logical system of regularity [in language] fail to see the nature not only of speech, but also of the world. But the nature of the world is generative, thus, for example «lentils grow from lentils», etc. A parte que sublinhámos não é de Varrão, obviamente; cf. a tradução paralela de Roland Kent (The Loeb Classical Library).

A Gramatologia grega — no que encerra de historiografia da linguística grega — não tem sido alvo de investigação que, quantitativamente, concorra com a das línguas modernas, o que razões históricas poderiam explicar. É evidente que são conhecidos os nomes de investigadores contemporâneos como Heinrich Ross, Jan Pinborg, Vincenzo di Benedetto, Peter Gentinetta, Detlev Fehling e tantos mais (nem se compreenderia que não estivesse representado na linguística contemporânea o tipo de formação científica a que pertenceu W. Von Gabelentz, Saussure, Benveniste, Robins, Dinneen, etc.). Ainda assim, não deixa de ser certo que a investigação linguística dirigida para áreas gregas e latinas não atinge a frequência desejável, embora se reconheça a importância fundamental da temática historiográfica grega e se saiba da imensa mole documental existente a aguardar a curiosidade do especialista.

Há, pois, que reconhecer plena actualidade nas palavras escritas pelo famoso helenista francês Émile Egger, em 1854: «*Les modernes ont fort négligé les théories grammaticales qui, depuis Platon et Aristote jusqu'aux Alexandrins du temps de l'Empire vont se développer sans cesse dans les écoles grecques...*» (7) e continuar a reconhecê-la na asserção de Kretschmer, no princípio do século «*Wir brauchen eine ausführlich und eindringende Geschichte der Sprachwissenschaft...*» (8). Não bastassem, por estes motivos, tais vozes e outra, esta contemporânea, a de Pinborg, se levanta, com a autoridade que todos lhe conferem, para nos prevenir e advertir, por razões a que chegaremos, que «*the whole history of grammatical theory in hellenistic time will have to be rewritten*» (9).

Aceitando a sugestão que se encontra formulada nas palavras de Raffaele Simone e segundo a qual competiria à historiografia «*identificar os processos que tornam possíveis os modelos ou certos modelos e não outros*», parece-nos oportuno abordar alguma página que possa ser considerada como documento representativo da gramatologia grega e tentar a determinação dos processos analíticos e de descrição

(7) EGGER, E., (1854) — *Appolonius Dyscole. Essai sur l'Histoire des Théories Grammaticales dans l'Antiquité*. Paris, pág. 2.

(8) KRETCHMER, P., (1927) — *Sprache in* GERCKE, A. e NORDEN, E. — *Einführung in die Altertumswissenschaft*. Lípsia, pág. 11.

(9) PINBORG, Jan, (1975) — «Classical Antiquity: Greece». *Current Trends in Linguistics*, vol. 13. *Historiography of Linguistics*. Paris, Haia, pág. 111.

linguística aí praticados. Escolhemos os capítulos exemplares que Apolónio Discolo, na sua *Περί Συντάξεως*, dedica ao *Infinitivo* (10), onde discute e, de forma exemplar, situa linguisticamente esse modo — ἀπαρέμφατος ἑρκλισις.

Por outras palavras: o problema fulcral que, nos §§ 56-61, se põe a Apolónio e cuja solução procura é este — a que «*parte do discurso*» pertence o Infinitivo?

Tal questão não deve causar particular estranheza, sabendo-se, como se sabe, que o ponto nuclear da gramatologia grega consistia no *μερισμός τοῦ λόγου*, ou «partição do discurso», segmentação do enunciado e agrupamento paradigmático dos segmentos analisados.

«*De arte [grammatica] tractare quid est, nisi tractare de octo partes orationis?*» perguntava Pompeu no seu *Commentum Artis Donati* (11). Pergunta que se mantém — se bem interpretada — naquelas palavras de J. Cl. Chevalier onde lembra que os gramáticos (ao estabelecer

(10) DÍSCOLO, Apolónio — *ΠΕΡΙ ΣΥΝΤΑΞΕΩΣ* in *Apollonii Dyscoli Quae Supersunt*. Part. sec. vol. alt. recens — Gustauus Vhlig. Lipsia. (Livro III, §§ 55-61 = págs. 320-326). São importantes fontes de consulta:

— ARMBRUSTER, H., (1968) — *Grammaticorum Graecorum Imprimis Apollonii Dyscoli de Infinitivi Natura Sententiae*.

— CHEVALIER, J. Cl., (1977) — «Note sur les parties du discours: l'infinitiv, verbe ou adverbe?» in *Actes du Colloque franco-allemand de Linguistique Théorique*. Ed. Niemeyer. Tubinga.

— (1977 a) — «Grammaire Générale de Port-Royal et tradition grecque. La Constitution des parties du discours: classement et signification», in *La Grammaire Générale des Modistes aux Idéologues*. Publ. Université de Lille III.

— DRONK, G. (1857) — «De Apollonii Dyscoli libro περί επιρρημάτων ad Iohannem Vahlenum epistula critica» in *Rh. Mus.* XII (1857) 321-346.

— HAHN, E. ADELAIDE, (1951) «Apollonius Dyscollus on Mood» in *TAPA* 82 (1951), 29-48.

— LANGE, Ludwig (1852) — *Das System der Syntax des Apollonius Dyscolus*, Gotinga.

— LERSCH, L., (1840) — *Die Sprachphilosophie der Alten* (II), Bona.

— SCHOEMANN, G.F. (1862) — *Die Lehre von den Redetheilen nach den Alten*, Berlin.

— (1869) — «Zur Lehre von Infinitiv» in *Jahrb.f.Klas.Philol.* 15 (1869) 209-239.

— THIERFELDER, A. (1935) — *Beiträge zur Kritik und Erklärung des Apollonius Dyscolus*. Ed. Hirzel. Lipsia.

(11) POMPEU, *Commentum Artis Donati*, in *G.G. (Keil)* V, pág. 96 (10-11).

gramáticas sintagmáticas) vêm necessariamente defrontar-se com o problema das partes do discurso, «*soit qu'ils envisagent d'en reduire le nombre (...) soit qu'ils s'interrogent sur la répartition...*» (12). A sintaxe greco-latina — e o exemplo de Máximo Planudes concorre nesse sentido, bem ao invés do que poderia afigurar-se — é de natureza eminentemente regencial (nominal ou verbal) e contempla a contribuição apenas de construções mínimas. De uma forma geral, e tomando em consideração o contributo filosófico estóico e a tendência «positiva» dos alexandrinos, tinha-se «*d'un côté, l'étude de la phrase d'un point de vue philosophique, de l'autre, une étude analytique de chaque élément considéré isolément*» (13). Esta era uma situação que certamente não criava condições para estudos sintácticos (ou gramaticais com um grau mínimo de formalidade) e a indefinição *σύνταξις/σύνθεσις* só muitos séculos mais tarde virá a resolver-se, quando a Gramática Especulativa lançar os fundamentos de uma autêntica sintaxe da frase.

Repete-se: *a que parte do discurso pertence o Infinitivo?* Este problema, que não surge, pela primeira vez (14), na história da gramatologia grega com Apolónio Díscolo, como se depreende da leitura dos §§ referidos, vai oferecer ao gramático o ensejo de revelar aspectos interessantes de como conduzir a estratégia analítica linguística, o que nos fornece elementos preciosos sobre suas concepções gramaticais.

«*Duvidam alguns gramáticos que o Infinitivo seja um modo e mesmo se é uma forma verbal. Porque não considerá-lo um advérbio derivado de um verbo?*» (15). Segue-se a discussão desta hipótese, que acompanharemos nas suas fases mais importantes (16):

A — 1. Os verbos, as formas verbais exprimem sempre a *ψυχική*

(12) V. n. 10, CHEVALIER (1977), 109.

(13) DONNET, DANIEL, (1967) — *Le Traité ΠΕΡΙ ΣΙΝΤΑΞΕΩΣ ΛΟΓΟΥ de Grégoire de Corinthe*. Ed. Inst. Hist. Belge de Rome. Bruxelles, pág. 145.

(14) V. n. 10, ARMBRUSTER (1868) — «Fuit autem de natura infiniti quaestio potissimum haec, sitne nomen an uerbum an neutrum seu potius aduerbium habendum», (pág. 1).

(15) Apol. Disc., II.Σ., G.G., Uhlig, II, 2: «*Ἡ ἀπαρέμφατος ἔγκλισις διατάσσεται πρὸς τῶν εἰ ἔγκλισις καὶ εἰ ὅλως ῥήματα τὰ ἀπαρέμφατα. «Τί γὰρ μὴ μᾶλλον ἐπιρρήματα ἐκ ῥημάτων γενόμενα;*» (pág. 320, 1-3).

(16) Convém reter aqui a definição de *ῥήμα* proposta por Apolónio e colhida nos escólios à «Gramática» atribuída a Dionísio Trácio, V. G.G. I, 3, pág. 71, 24-27: «*ῥήμά ἐστι μέρος λόγου ἐν ἰδίοις μετασχηματισμοῖς διαφορῶν χρόνων ἐπιτε-*

διάθεσις, que lhe é «atributo especial» (17), o que não ocorre com a ἀπαρέμφατος ἔγκλισις (ἀπαρέμφατος, de παρεμφαίνω; logo, “que não inculca um sentido determinado; indefinido”);

2. contrariamente ao que acontece com outras formas verbais, esta não tem meios próprios para exprimir o número e a pessoa; por isso mesmo, o *Particípio*, (μετοχή), que os possui, mas de que o Infinitivo carece, constitui «uma parte do discurso» não «verbal», ou independente do verbo;
3. o facto de o Infinitivo poder ser afectado de tempo e voz, não lhe consente a inclusão no «verbo», pois tais atributos igualmente no *Particípio* existem.

B — Porque integrar o Infinitivo na classe dos advérbios? Ao passo que a argumentação em (A) é de natureza semântica e morfológica, a que se segue recorre a processos sintagmáticos analógicos (ou simplesmente estruturais).

1. Embora se não possa propor uma construção tal que dois modos diferentes finitos recaiam numa mesma pessoa, como *γράφεις λέξαις, ou semelhantes, são possíveis, porém,

θέλεις γράφειν ou
γράφειν θέλεις, comportamento este (o figurar antes ou depois do verbo) próprio do Advérbio;

κτικὸν μετ' ἐνεργείας ἢ πάθους, προσώπων τε καὶ ἀριθμῶν παραστατικόν, ὅτε καὶ τὰς τῆς ψυχῆς διαθέσεις δηλοῖ”.

«O verbo é uma parte do discurso, que, pelas suas formas próprias modificáveis, exprime os diferentes tempos, na voz activa ou passiva, as pessoas, o número, ao mesmo tempo que manifesta uma disposição psíquica».

(17) V. o ensaio fundamental de HAHN (1951) sobre a evolução do conceito de ψυχικὴ διάθεσις cit. na n. 10. Aí são coligidas algumas das mais frequentes traduções da expressão apoloniana: «Verhalten der Seele», «die geistige Haltung des Sprechenden», «la disposition de l'âme», «l'état de l'âme», «mental attitude», etc.

2. Do mesmo modo que temos

<i>θέλεις γράφειν,</i>	assim temos
<i>ἔλληνιστί λέγω</i>	ou
<i>λέγω ἔλληνιστί</i>	

3. Tal como com os Advérbios, assim com o Infinitivo se constitui sintagma com formas finitas, variáveis em número e pessoa,

<i>γράφειν</i>	<i>θέλω</i>	ou
	<i>θέλομεν</i>	
<i>γράφειν</i>	<i>θέλω</i>	
	<i>θέλεις</i>	

4. Outro argumento que poderia sustentar a natureza adverbial do Infinito — argumento agora de natureza derivacional — traduzir-se-ia na proporção

ἔλληνίζω: ἔλληνιστί = γράφω: γράφειν

Este tipo de derivação adverbial consente (como seria de esperar no caso da formação de advérbios) na intervenção temporal, ainda por analogia com o Particípio; donde, portanto,

se *γράφω: γράφων = ἔγραφα: γράψας,*
então *γράφω: γράφειν = ἔγραφα: γράψαι*

Tudo indica que estes argumentos são alheios a Apolónio (18). Compreende-se, desta forma, que o gramático responda com um feixe de objecções, cujos elementos fundamentais se alinham como se segue

- C — 1. a inaceitabilidade da estrutura sintagmática de (A) não é universal, já que a uma mesma pessoa se referem os verbos em
ἐὰν ἀναγινώσκῃς, πρόσεχε, onde figuram um Conjuntivo e um Imperativo;

(18) *Π.Σ. in G.G. II, 2, 320 (1): «... διατάσσεται πρὸς τινων...*

2. se a «construção infinitiva» não é absolutamente geral, a exemplo de

<i>προαροῦμαι ἀναγινώσκειν</i>	ou
<i>φίλω γράφειν,</i>	mas não como em
<i>*γελῶ γράφειν</i>	ou
<i>*σκάλλω λέγειν,</i>	

isso se deve apenas à circunstância de o Infinitivo (o ἀπαρέμφατος ἔγκλισις) não possuir o estatuto adverbial.

Com efeito, continua Apolónio, há dois gerais conjuntos (semânticos) de verbos: (a) os que compreendem — contêm — a ideia de um acto no qual repousam os modos (como *γράφω*, *λέγω*, etc.) e (b) os que apenas contêm — ou exprimem — a intenção, o desejo, gramaticalmente esvaziados de um complemento possível que possa equivaler, como dirá Egger, a «*un signe de l'acte*», *τῇ τοῦ πράγματος παραθέσει*, à adjunção do representante gramatical de um processo: assim, respectivamente,

- (a) *τύπτω γράφειν*
(b) *θέλω γράφειν*

D — De todos os modos verbais, o infinitivo é o mais geral: *γενικωτάτη τῶν ἀπαρεμφάτων ἔγκλισις*, pois não o define

1. o *número* — que não é propriedade intrínseca do verbo, mas apenas o acidente acessório das pessoas que participam na acção, linguisticamente significada pelo verbo (*περιπατῶ* e *περιπατοῦσιν* são o *mesmo* verbo);
2. a *pessoa* — o sujeito agente é que poderá, gramaticalmente, encontrar-se na 1.^a, na 2.^a ou na 3.^a pessoa, mas o acto verbal em si mesmo é único;
3. a *διάθεσις ἔγκλισις* — aqui o mesmo se poderá — e deverá — dizer: não é o verbo que necessariamente exprime a *διάθεσις*, mas sim o agente que por meio do verbo exprime os seus «*états de l'âme*».
4. «O próprio do verbo é a expressão, por meio de formas mudáveis próprias, das diferenças de tempo e das três

vozes» (ἴδιον οὖν ῥήματός ἐστιν ἐν ἰδίοις μετασχηματισμοῖς διάφορος χρόνος διάθεσις τε ἢ ἐνεργητικὴ καὶ παθητικὴ καὶ ἔτι ἡ μέση (18a)

«Estas propiedades são as que se encontram naquilo a que eu chamo o verbo genérico, o Infinitivo» (ὅ πάντων μετέλαβεν τὸ γενικώτατον ῥῆμα, λέγω τὸ ἀπαρέμφατον) (19).

Neste passo, uma questão de teor peculiar se postula: sendo o *Infinitivo* não só como modo, mas como o próprio verbo na sua «acepção» «mais geral» — τὸ γενικώτατον — onde se encontram, latentes, o tempo e o modo — como poderá ele abrir-se à expressão e à designação da multiplicidade e diversidade das acções?

O *Infinitivo* assim concebido, «*verbum per se*» e «*mera notio*» (20), esta entidade, como que virtual, de que forma a actualizará o falante no discurso, onde haverá de determinar-se?

Numa passagem de curiosa formulação pedagógica e de uma penetração linguística aguda (21) propõe o nosso gramático uma solução que não deixará de surpreender o leitor de hoje.

- A — 1. Assim como concebemos que o nome, na sua forma primitiva e comum, na sua forma mais geral (τὸ γενικώτατον ὄνομα), pode ser acrescentado de todos os acidentes que lhe convenham — o caso, o género, o número,

(18a) *II.Σ. in G.G.* II, 2, 325, 12-14.

(19) *II.Σ. in G.G.* II, 2, 325, 14 — 326, 1.

(20) ARMBRUSTER (1968), of. cit. n. 10, pág. 33: «significat infinitivum, προᾶγμα per se, non προᾶγμα in ποιότητα mutatum, quae nominis propria est. (...) Infinitivus uerbum per se, mera notio, unum aliquid est».

Apolónio nega, obviamente, a posição de Trifon — talvez o mais formalista de todos os gramáticos gregos — para quem o Infinitivo seria simplesmente um nome ὄνομα ῥήματος ou, com efeito, uma forma verbal, consoante se apresentasse precedido de artigo ou não. Vd. refutação de Apolónio *II.Σ. G.G.*, II, 2, pág. 43. Sobre Trifon, vd. VELSEN, A. DE (1853) — *Trifonis Grammatici Alexandrini fragmenta*. Berlim (reed. Verlag Adolf M. Hakkert. Amsterdão, 1965).

(21) Julgamos ter interesse sublinhar o facto de em Apolónio existir, de um modo que não podemos dizer já implícita, uma concepção unitária (i.e. que abrange quer o âmbito nominal quer o verbal) das entidades significativas mínimas. Seria interessante, por outro lado, indagar se a teoria aristotélica da πτώσις não constituirá o eixo da concepção apoloniana do ἀπαρέμφατος: «πτώσις δ' ἐστὶν ὀνόματος ἢ ῥήματος...». Aristóteles, *II.II.* 1457 a 19.

o patronímico, o diminutivo ou quaisquer outros — exactamente do mesmo modo, assim também, os modos pessoais podem ser interpretados como a inserção de certos atributos no *ἀπαρέμφατον*.

2. Então, vejamos: todo o nome derivado é constituído por dois elementos: o primitivo (*προτότυπον*) e a palavra que tem o mesmo sentido que a terminação (22). Deste modo

$$\begin{aligned} \text{Ἑκτορίδης} &= \text{Ἑκτορος} + \text{νίος} \\ \text{γοργότερος} &= \text{γόργος} + \text{μᾶλλον} \\ \text{ἱππων} &= \text{ἵππους} + \text{συνέχον} \end{aligned}$$

«O princípio é evidente» (*δῆλον γὰρ τὸ εἰρημένον*); da mesma forma também, cada modo finito outra coisa não é senão o resultado de se haver inserido no Infinitivo (*ἀπαρέμφατον*) uma «palavra» com o sentido igual ao do modo (23). Reduzamos a argumentação apoloniana a um gráfico simples

$$\text{περιπατεῖν} + \begin{bmatrix} \text{ὀρισάμην} \\ \text{ἠϋξάμην} \\ \text{προσέταξα} \end{bmatrix} \rightarrow \begin{bmatrix} \text{περιπατῶ} \\ \text{περιπατοῖμι} \\ \text{περιπάτει} \end{bmatrix}$$

3. A resposta à pergunta inicial — em que *μέρος τοῦ λόγου* incluir o Infinitivo? — não poderá ser outra: como excluir da classe do *verbo* esta entidade, este *Infinitivo*, que é a matriz semântica de todas as formas verbais, a base semântica virtual que o falante actualiza no discurso, marcando-a com as marcas de pessoa, de número e de modo (24)?

(22) APOLÓNIO, *II.Σ. G.G.*, II, 2, L. III, 61. De declarada influência aristotélica, o gramático apresenta-nos neste parágrafo uma das primeiras tentativas de conceituação de *morfema*.

(23) APOLÓNIO, *ibidem*.

(24) Leiamos, na íntegra o § 62, do L. III, da *II.Σ. Οὐδέ λελησμαι ὡς ἐν ἑτέροις συμπεφρομένός τιςι τὴν ὀριστικὴν ἔγκλισιν παρεδεχόμεν ὡς πρωτεύουσιν τῶν ἄλλων*,

O *Infinitivo*, no âmbito categoremático-sintáctico, e o morfema semantémico, no âmbito lexicológico, são, um como o outro, entidades actualizáveis em conformidade com um modelo de formação tal que a uma base fundamental semântica outras entidades de hierarquia diversa se acrescentam, actualizando-se no discurso. É segundo este modelo (em que são componentes um certo conjunto de operações formais e a constituição de classes estruturais) que acaba por se ir instituindo — ao longo dos tempos — toda uma estratégia que elaborou, meticolosamente, uma teoria gramatical eminentemente descritiva ou, se se quiser, a «*gramática técnica*» (25) de que Apolónio Díscolo será (ao menos com fundamento nas páginas que até nós chegaram) o mais fecundo e lídimo representante.

O texto da definição apoloniana de ῥῆμα, que atrás citámos, conhecemo-lo graças a Heliodoro, um dos comentadores de Dionísio Trácio e insere-se nessa tão rica quanto inexplorada colecção de escólios dionisianos editados por Hilgard (26). Ora, é neste passo em que

ἀλλ' οὐ γὰρ ἡ ἀκριβὴς ἐξέτασις τοῦ λόγου κατηνάγκασε τὸ μεταθέσθαι, συγχωρομένου ἐκεῖνον, ὡς δεόντως ἀπὸ τῆς ὀριστικῆς ἐγκλίσεως ἀρχόμεθα, οὐχ ὡς πρώτης οὔσης, ὡς δὲ ἐκφανεστάτης οὔσης καὶ πολλῆς καὶ δυναμένης διδάξαι καὶ τὰς ἐγγενόμενας συννεμπώσεις καὶ τὰ ἐγγενόμενα πάθη καὶ παραγωγάς, οὐδὲ τοῦ τοιούτου μαχομένου, καθὼς ἐν τοῖς τοιούτοις ἐλλειπεστέρα ἢ ἀπαρέμφατος ἐγκλισις, εἶγε καὶ τὰ πρωτότυπα τῶν λέξεων ἐν ἐλάττωι καταγίνεται ὅλη τῶν παραγωγῶν.

«Não esqueço ter defendido, noutros lugares e em concordância com outros autores, que o Indicativo era a forma primitiva dos demais modos. Depois, porém, que examinei a questão com mais pormenor, mudei de opinião, sem todavia ignorar que começamos a conjugação pelo Indicativo não por ser o primeiro, mas por ser o que mais vezes aparece, o mais usado e o que é mais útil para mostrar a coincidência das terminações, os alongamentos e as modificações que afectam o verbo. O facto de o Infinitivo ser menos variado em tais formas (as palavras primitivas são sempre menos abundantes em derivados) não oferece qualquer objecção».

(25) Parecem-nos particularmente oportunas estas afirmações: «Les grammairiens contemporains, quand ils cherchent à assurer historiquement les fondements de leurs analyses, se réfèrent généralement à des classifications récentes comme celles de la *Grammaire Générale* de Port-Royal. Lesquelles (...) sont inscrites dans une finalité métaphysique qui prétend adapter l'économie des parties du discours à une interprétation signifiante du monde. Or les grammairiens anciens utilisaient des procédures beaucoup plus nettement formelles, plus proches des démarches actuelles». CHEVALIER, 1977, pág. 109.

(26) HILGARD, A. (1901) — *Scholia in Dionysii Thracis Artem Grammaticam*. Ed. Teubner. Lipsia (= G.G., I, 3).

citamos os *Scholia in Dionysii Thracis Artem Grammaticam* que julgamos oportuno abordar um segundo tema. Tema ainda e sempre no âmbito da *Gramatologia Grega*, é este, todavia, de natureza diversa. Concerne não aos processos de análise linguística ou teoria linguística que lhe seja subjacente, mas a um objectivo problema de importância que reputamos muito particular, mesmo fundamental, para a historiografia linguística grega.

Trata-se, concretamente, (1) da autenticidade dionisiana da famosa *τέχνη γραμματική* e (2) da sua datação. Assim como se resolver este problema, assim resultará a interpretação dos fundamentos da gramática «técnica» (dos *τεχνῖται*), digo, da origem, criação e evolução de uma gramática que desde sempre se aplicou ao esforço de caminhar do filológico para o linguístico, do semântico para o formal; poderá mesmo acontecer que os gramáticos latinos do dealbar da era cristã e nos seus primeiros séculos se não hajam limitado ao pobre e passivo papel que costumeiramente se lhes tem atribuído. O problema é antigo, complexo e sempre particularmente polémico. Dele se abeiraram os maiores nomes da «*scholarship*» clássica, desde Fabricius a Villosion, Bekker, Götting, Classen, Lersch, Moriz Schmidt até Vincenzo di Benedetto e Pfeiffer, para não mencionar outras figuras que, contudo, têm a sua importância, como Wouters (professor em Lovaina e de quem está para breve uma edição crítica dos papiros de conteúdo gramatical), Traglia, Cherubim, P. M. Fraser, etc. (27).

(27) A discussão da autoria dionisiana tem os seguintes momentos essenciais:

1. posição assumida em alguns *προλεγόμενα* introdutórios aos escólios dionisianos:

a) Sch. Vat. in HILGARD, G.G. I, 3, pág. 124, 7-14, no passo que começa por «θέλουσιν οὖν τίνες μὴ εἶναι γνήσιον τοῦ Θρακῶς τὸ παρὸν σύγγραμμα...». Argumenta-se que, no texto tradicionalmente atribuído a Dionísio, as definições de *ὄνομα* e *ἄρθρον* não condizem com as que a este autor são atribuídas por Apolónio Díscolo;

b) Idem, pág. 160, 24-161, 8 que começa: «περὶ δὲ τοῦ εἰ ἔστιν γνήσιον τὸ παρὸν σύγγραμμα Διονυσίου τοῦ Θρακῶς ἡμφισβήτηται...». Neste *προλεγόμενον* acresce outro argumento; a de que a definição de *ῥῆμα*, constante na *τέχνη*, não coincide com a que ainda Apolónio cita como sendo daquele gramático;

2. publicação da *Bibliotheca Graeca* (1798) em cujo prefácio a seu editor FABRICIUS parece insinuar algumas dúvidas; e GÖTTLING, C.G. (1822), *Theodosii Alexandrini Grammatica*, Lipsia, que, apoiado, em particular, nos comentadores gregos, nega radicalmente a origem dionisiana.

3. SCHMIDT, M. «Dionys der Thraker» in *Philologus* VII (1852) 360-382; VIII (1853) 231-253; 510-520, trabalho no qual a autoria dionisiana teria ficado

O aparecimento, em 1816, dos *Anecdota Graeca* de Bekker suscitou nos meios científicos a reconsideração da autoria dionisiana da *τέχνη γραμματική*, o que propiciou a abertura de uma polémica ainda não terminada. Assim, inicia-se ela com o prefácio que Göttling escreveu para a edição da *Theodosii Alexandrini Grammatica* (1822) (um feixe de textos que, aliás, veio a verificar-se pertencerem a escólios de diversa origem): neste prefácio rejeita-se a autoria dionisiana da *τέχνη* («*Hanc (grammaticam) non esse illius Dionysii, discipuli Aristarchi*») (28) com os seguintes argumentos:

- 1.º — a definição de *ῥῆμα* encontrada na Gramática de Dionísio Trácio (*λέξεις ἄπλωτος, ἐπιδεκτικὴ χρόνων...*, etc.) não é coincidente, em nada, com aquela que a este autor se atribui *teste Apollonio* (*λέξεις κατηγόρημα σημαίνουσα*);
- 2.º — ainda *teste Apollonio*, Dionísio incluiria numa mesma classe o *artigo* e o *pronome*, ao contrário do que o compêndio reza, pois aqui *ἄρθρον* e *ἀντωνυμία* figuram como categorias gramaticais distintas;

definitivamente estabelecida, segundo CHASSANG, M. A. (1877) «La Grammaire de Dénys le Thrace» in *Annuaire de l'Association pour l'Encouragement des Études Grecques en France*. Paris, págs. 170-188.

4. DI BENEDETTO, VINCENZO, «Dionísio Trace e la Techne a lui attribuita» in *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa*, XXVII (1958) 169-210; XXVIII (1959) 87-118.

Após a publicação deste ensaio, nenhum outro trabalho veio a lume que alterasse, no fundamental, a tese de Di Benedetto, a que adiante nos referiremos. Das duas dúzias de artigos, livros ou opúsculos em que a questão é abordada, merecem especial relevo a recensão de FEHLING, D. in *Gnomon* XXXIV (1962) 113-117, a FUHRMANN, M. *Das Systematische Lehrbuch*; PFEIFFER, R. (1968) *History of Classical Scholarship*, Oxf. Clarendon Press; MORELLI, G. (1970) *Ricerche sulla tradizione grammaticale latina*, Ediz. dell'Ateneo, Roma, (págs. 93-100 e 112-130). FRASER, P.M. (1972) *Ptolemaic Alexandria*. Oxford; DI BENEDETTO (1973) «La Techne Spuria» in *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa* III NS (1973) 797-814; PINBORG, IAN, 1975, op. cit. n. (págs 103-106) e LINKE, K. (1977) *Die Fragmente des Grammatikers Dionysios Thrax*, Band 3, *Sammlung griechischer und lateinischer Grammatiker*, Ed. de Gruyter, Berlin.

(28) Op. cit. n. 27, pág. V; e mais adiante «huius igitur Dionysii illam grammaticam non esse et ueterum Grammaticorum testimonia clamant et res ipsa loquitur» (ibidem); «ista Pseudo-Dionysii grammatica cento ex pannis tam ueterum quam recentiorum grammaticorum» (pág. X).

- 3.^o — ao corpo do texto, todo ele, segundo Götting, elaborado «a doctoribus byzantiis oecumenicis» (29) teriam os seus verdadeiros autores anteposto uma definição de Gramática, esta sim, a dionisiana.

Em 1852 — neste intervalo de tempo desenvolveu-se uma polémica surda em que se envolveram numerosos autores — Moriz Schmidt revê a questão num longo artigo publicado na revista *Philologus* (30), no qual, segundo Chassang (1877), o problema da autoria ficara definitivamente resolvido a favor de Dionísio (31). O cerne deste valioso estudo formula-se em termos de crítica externa e consiste numa listagem de referências de autores antigos à τέχνη, parágrafo por parágrafo.

Um século depois e pouco mais — em 1958 — Vincenzo di Benedetto reabre a questão, publicando nos *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa* o artigo *Dionisio Trace e la Techne a lui attribuita* (32). A única crítica fundamentada discordante até ao momento publicada encontra-se nas páginas da *History of Classical Scholarship* de Pfeiffer (1968), crítica aliás a que Benedetto responde nos mesmos *Annali* em 1973, com o artigo intitulado *La Techne Spuria* (33).

No seu primeiro estudo, Benedetto considera que há hoje condições para rever o problema — e de chegar a um resultado diverso do de Schmidt — e isso porque possuímos edições críticas dos gramáticos gregos e latinos, mas, sobretudo, graças à descoberta de numerosos papiros gramaticais, os quais nos facultam conhecimentos novos em relação à cultura gramatical dos primeiros séculos da nossa era. O seu artigo contempla três aspectos do problema: a reavaliação das opiniões dos escoliastas que primeiro negaram a autoria e a reconstituição dos respectivos ambientes culturais; a tradição indirecta em que se integram agora os papiros gramaticais e a posição de Dionísio Trácio a respeito das origens da gramatologia grega; e a análise pontual de cada parágrafo do compêndio e discussão dos passos correspondentes das gramáticas grega e latina.

(29) Ibidem, pág. VIII.

(30) Op. cit., n. 27 (3).

(31) Ibidem.

(32) Op. cit., n. 27 (4).

(33) Ibidem.

É evidente que não vamos aqui percorrer os passos da análise de Benedetto. Basta que fixemos as suas conclusões (33 a):

- 1) a *Techne* não é o primeiro tratamento sistemático da matéria, nem obra de um discípulo de Aristarco, mas sim um modesto manual, composto, (como outros pequenos tratados e como os *Canoni* de Teodósio) não no séc. II a.C., mas por volta do séc. IV d.C. — mais exactamente entre os sécs. III e V. Trata-se de um documento da cultura gramatical destes séculos, carente de espírito criativo e reduzido a mera compilação, como o Pseudo-Trifon (aliás *Papirus Londoniensis* 126 v., séc. IV);
- 2) a história da Gramática grega passa a ser encarada de um modo completamente diverso de como a delinea Steinthal no século passado: gramáticos como Trifon, Habron, Asclepiades de Mírléia, Tiranião adquirem uma muito maior importância na medida em que são eles que, entre os sécs. I a.C. — I d.C., tendem a uma primeira sistematização, à qual se segue, no século seguinte, aquela, mais orgânica e mais completa, de Apolónio;
- 3) pelo que respeita à história da Gramática latina, ficam sem base teses semelhantes à de Barwick que postula originariamente uma gramática escolar fundada na de Dionísio Trácio (34).
- 4) a teoria gramatical grega tal como a conhecemos a partir da literatura existente da especialidade é o produto de gramá-

(33 a) Cfr. BENEDETTO, *Dionisio Trace...* in *Annali*, 1959, (pág. 118).

(34) Em suma: para di Benedetto, dos breves e secos 20 §§ que constituem a «Gramática» atribuída a Dionísio, «mentre la parte introduttiva (§§ 1-4) e la trattazione tecnico-gramaticale (§§ 6-20) prese per se stesse si presentano molto coerenti, fra le due parti c'è un notevole iato, anche dal punto di vista formale. Il punto di sutura è costituito da un capitolo intorno alla rapsodia (§ 5), di cui nessun commentatore, né bizantino, né moderno è riuscito a vedere la funzione». (di BENEDETTO, *Annali* XXVII (1958) 181). Os primeiros seis parágrafos pertenciam, pelo seu conteúdo ao meio cultural filológico alexandrino, meio onde Dionísio viveu e de quem se aceita a autoria da definição de «gramática» (§ 1); os demais capítulos deixam prever e supor uma outra atitude cultural completamente diversa; um meio cultural em que a gramática era não já uma *ἐμπειρία*, mas uma cuidada e formalizada *τέχνη*. Os §§ 6-20 (os «técnicos») surgem como uma compilação realizada entre os sécs. III-V (com efeito só a partir do séc. V há testemunhos externos desses pontos), compilação a que se fez anteceder o contido nos §§ 1-5, que podem pertencer ao meio escolar dionisiano.

ticos que foram acumulando as observações dos seus antecessores e as foram incorporando num sistema gramatical, este mesmo a adquirir uma conformação própria ao longo dos anos. Na verdade, como diz Pinborg (35), o que é certo é que não encontramos diferentes versões da gramática grega: ou seja uma versão estóico-pergameana (como arquétipo teríamos uma *τέχνη περὶ φωνῆς* de Diógenes de Babilónia), versão que seria a base da gramática romana — e por outro lado, uma outra, mais perfeitamente corporizada na *Techne* de Dionísio; ou noutros termos, uma gramática anomalista contra uma gramática analogista. O que há é, isso sim, uma ciência única com métodos uniformes e uma perspetivação uniforme da língua, o que é basicamente diverso de uma gramática filosófica.

Algumas observações críticas se podem fazer ao trabalho de Benedetto. Assim, por exemplo, não terá sido cientificamente exemplar considerar *hipótese meramente gratuita* a lição *λόγος δὲ ἐστὶ περὶ λέξεων σύνθεσις* (aliás proposta por Pecorella por pura dedução) em vez de *λόγος δὲ ἐστὶ περὶ λέξεως σύνθεσις* ... quando, afinal, é precisamente aquela que encontramos no Pap. 446 V. (agora I 25) Col. 1, L. 1. — papiro do séc. I d.C. e de que o investigador bastamente se socorrera noutros passos (36)!

Mais grave, mas não tanto que nos leve a recusar os fundamentos da sua tese — e esta mesma no seu essencial — é a inadequada interpretação que dá ao facto de alguns comentadores ou escoliastas bizantinos da *τέχνη* afirmarem a inautenticidade dionisiana do texto. Na verdade, estamos em condições para poder concluir — embora não seja este o momento para o demonstrar — que

1. a inquirição do *γνήσιον* (autoria), por parte daqueles escoliastas obedece a um rígido preceito tradicional e escolar;
2. os autores dos prefácios (ou *προλεγόμενα*) aos comentários transmitem a opinião de terceiros e não é claro que as perfilhem;

(35) PINBORG, 1975, pág. 110.

(36) WOUTERS, A. (1975) — «Dionysius Thrax' Definition of the *ΛΟΓΟΣ* (Sentence) and P. Yale I 25» in *Orbis*, XXIV, 1 (1975) 219-223, Separata. Cf. PECORELLA, G.B. 1962. *DIONISIO TRACE. TEXNE GRAMMATIKH* Ed. Cappelli. Bologna, pág. 105.

3. existem, no tocante ao problema e matérias de facto a ele ligadas, evidentes contradições internas em cada um dos prefácios.

A questão da autoria dionisiana da *τέχνη γραμματική* é, como dissemos, vasta e complexa — e a tese de Benedetto não pode ser ignorada ou sequer minorada. Dada a importância do tema e as consequências profundas que advêm de se aceitar ou não a inautenticidade dionisiana — não pode deixar de ser motivo de verdadeira surpresa (nalguns casos de escândalo) a indiferença com que certos autores passam de largo e como passam. Ou apresentando-se neutros — como o faz um Robins ao dizer, simplesmente, que haverá dúvidas sobre a autoria, mas que «*the majority of scholars have accepted it as a work of Dionysius Thrax*» (37), sem designar um único; ou, como Cherubim, reafirmando o texto como dionisiano e, em nota de roda-pé, acrescentar de modo sobranceiro que, depois de Uhlig (1901) «*wenig sind die neuere Versuche (...) überzeugend*» (38).

A autenticidade dionisiana do texto gramatical no seu todo e, problema concomitante, a sua datação — aqui estão duas tarefas a que não podem ser indiferentes nem a Filologia Clássica nem a Historiografia Linguística.

MANUEL SARAIVA BARRETO

(37) ROBINS, R.H. (1967), *A Short History of Linguistics*. Ed. Longmans. Londres, pág. 30.

(38) CHERUBIM, D. (1975), *Grammatatische Kategorien*, Ed. Niemeyer. Tubinga. Leiamos: «Ältere Versuche, wie die von C.G. Goettling, die Unechtheit und damit eine spätere Datierung der Schrift zu erweisen, wurden vor allem auch vom Herausgeber der *τέχνη*, G. Uhlig, zurückgewiesen; ebenso, wenig sind neuere Versuche in dieser Richtung (vgl. di Benedetto 1958/1959) überzeugend», pág. 122, n. 116. Sem comentários.